

RECENSÕES

d'ALGE, Carlos. **O Exílio Imaginário**. Ensaaios de literatura de língua portuguesa. Edições UFC-PROED. Fortaleza, 1983, 240 pp.

Moreira Campos

A par da análise segura, do conceito equilibrado, da pesquisa rica de revelações, a demonstrar amplo cabedal de conhecimentos, Carlos d'Alge ainda se revela surpreendente e feliz na escolha dos títulos dos seus livros, e esta, todos o sabemos, não é uma tarefa fácil. A este de agora intitulou de O EXÍLIO IMAGINÁRIO, que ele próprio assim justifica: "No mundo de hoje, tão conflitante, egoísta e cínico, o que resta ao escritor senão encontrar a paz num refúgio imaginário que, ao fim e ao cabo, são os livros que lê e aprecia?", ao que acrescentaríamos: e escreve. Só nessa simples indagação do autor se contém um desafio à nossa meditação, se considerarmos, de um lado, os valores do espírito e, do outro, o desencanto do homem atual diante de uma sociedade consumista, pragmática, tecnológica e plena de "desindexações", para sermos mais presentes e angustiados.

Mas falávamos da felicidade dos seus títulos. E recuamos no tempo para referência a uma outra obra sua, rica na essência e de título felicíssimo, que, por sinal, tivemos a honra de prefaciá-lo. Trata-se de A TERRA DO MAR GRANDE, livro evidentemente sobre Portugal, como este de agora o é, em grande parte. Se é certo que o título, por si, já é síntese da obra ou mensagem do autor, nenhum melhor que A TERRA DO MAR GRANDE para dizer-nos da história portuguesa, já que o mar (perdoem-nos o paradoxo) é o território luso, desde a aventura dos descobrimentos. Não foi gratuitamente que Hernâni Cidade afirmou ter Portugal nascido "debruçado sobre o tenebroso", isto é, o Atlântico, como destinação de sua própria epopéia. Por isso mesmo, caberiam aqui os versos de Fernando Pessoa, síntese épica da raça:

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de Portugal!”

Feliz desde a capa o livro que hoje Carlos d'Alge entrega ao público. Em verdade, ali estão, como expressões abrangentes, as fotografias de Camões e Fernando Pessoa, as duas grandes vertentes poéticas, matrizes, ontem como hoje, de tudo o que de belo se escreveu no plano da poesia em língua portuguesa.

Neste livro, d'Alge se divide entre as duas pátrias: aquela de origem, sabido que nasceu em Chaves, Trás-os-Montes, e esta de adoção definitiva, que é o Brasil. Realmente, ali estão contidos trabalhos de fôlego sobre a literatura portuguesa, a literatura brasileira e, especificamente, sobre a literatura cearense (disciplina existente no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, onde o autor é professor titular de Literatura Portuguesa), além de estudos outros sempre relacionados com as letras, inclusive o seu discurso de posse na Academia Cearense de Letras, em que analisa, com segurança e penetração, a figura de Senador Pompeu, patrono de sua Cadeira.

Em todos esses pronunciamentos, o autor se eleva a grande altura, seja pela análise percuciente, seja pelo lastro cultural sólido, seja pela forma escorreita, fluente e clara.

Evidentemente, não caberia aqui uma apreciação de todos esses títulos, sabido que a obra contém trinta capítulos. Não será demais, contudo, um exame, mesmo superficial, dos estudos que dedica à utopia do paraíso em Camões, à teoria e crítica do estilo brasileiro e à introdução à literatura africana de língua portuguesa, pela sua novidade.

Centraliza o autor o paraíso camoniano, como é óbvio, na Ilha dos Amores (Canto IX de OS LUSÍADAS). Para tanto, numa exuberância de conhecimentos, remonta às sociedades utópicas de Platão, Campanella, Francis Bacon, Thomas Moro e outros, para chegar ao que ele próprio chama de catarse da epopéia camoniana: a Ilha dos Amores, o recanto sonhado, idealizado, utópico, como refúgio, refrigerio, compensação às duras penas vividas pelos nautas (e por que não dizer, pelos homens, como símbolo, das dores e equívocos da vida?). Ali os homens perdem, no poema, a sua condição humana para se tornarem semideuses, esvaziando-se, por consequência, a ação mitológica dos deuses do Olimpo, em que se estruturou a epopéia. São palavras do autor: “A ilha afortunada ou a Ilha dos Amores, que é a utopia camoniana, será o ponto decisivo no relacionamento dos deuses e dos humanos. Os deuses, que assumiram uma postura humana no decorrer da ação do poema e se envolveriam em intrigas e conflitos, estão prestes a ceder lugar aos homens. Na verdade, a relação entre os deuses e os homens e o seu

encontro final na Ilha dos Amores são, em síntese, a própria estrutura d'OS LUSÍADAS".

Admirável ilha, sonho inatingível, dizemos nós, que fez o humaníssimo Veloso, após mais de dez meses de jejum sexual, expressar o seu espanto eufórico diante das ninfas seminuas, fugidias (como todas as mulheres) e a tangerem cítaras. Diz o poeta:

"Dá Veloso espantado um grande grito:

— "Senhores, caça estranha, disse, é esta.

Sigamos estas deusas e vejamos
se fantásticas são, se verdadeiras".

Faminto Veloso!

Na teoria e crítica do estilo brasileiro, o autor parte de Alencar, em riqueza de dados e fontes consultadas para estudo do "abrasileiramento" da língua portuguesa e da necessidade então de um romance tipicamente nacional, escoimado de influências esdrúxulas, face os novos valores da terra e do homem. Aliás (cita o autor), já dizia Eça de Queirós:

"... no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heróico, se decidir a ser brasileiro, a ser do novo mundo — haverá no mundo uma grande nação. Os homens têm inteligência; as mulheres têm beleza — e ambos a mais bela, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café nessa proporções sublimes) — pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original do que um doutor mal traduzido do francês".

Essa decisão nacional de que fala o imortal criador de OS MAIAS decerto se deu com o Movimento Modernista de 22.

No que se relaciona a este estudo de Carlos d'Alge, a verdade é que a língua que falamos é a portuguesa, na sua estrutura (está é que não poderá sofrer modificações), embora logicamente aceitáveis as alterações prosódicas e sintáticas, a distinção, enfim, conhecida e aludida por Carlos d'Alge entre "langue" e "parole".

No capítulo dedicado à literatura africana de língua portuguesa, Carlos d'Alge nos traz válida contribuição quanto a estes novos valores, sobretudo se considerarmos que entre a literatura brasileira e africana há identidades do ponto de vista sócio-econômico. De resto, é um enriquecimento ao estudo da literatura portuguesa, que se tem restringido tradicionalmente à expressão européia.

Com a mesma profundidade analítica, o autor se detém no estudo dos demais temas que aborda no seu livro. Ao lado de outros

trabalhos sobre autores como Júlio Dinis, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Fernando Namora, Raul Pompéia, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Euclides da Cunha e Érico Veríssimo, estão, já agora no plano da literatura cearense, o admirável estudo que dedica a José Albano e as excelentes críticas a poetas e escritores como Artur Eduardo Benevides, Jáder de Carvalho, Francisco Carvalho, Horácio Dídimo, Regine Limaverde, Pedro Lira, Raimundo Girão e Joyce Cavalcante.

O que importa pôr em relevo, no caso, é o mérito com que Carlos d'Alge realiza todos esses ensaios, artigos e comentários. Um largo e sólido patrimônio cultural os enforma, prestigiado ainda por aguda penetração e sensibilidade.

O Passageiro da Nau Catarineta

Artur Eduardo Benevides

Moacir Lopes é um dos romancistas representativos da Geração de 56, a geração de Guimarães Rosa e Samuel Rawet, que procurou reformular, de certa forma, a prosa de ficção do País, após o excelente trabalho dos escritores e poetas de 45, que alguns críticos desinformados procuram obscurecer.

Em nota introdutória ao novo romance desse autor cearense — "O passageiro da Nau Catarineta" — Jairo Xavier denuncia os *scholars* brasileiros, responsáveis em grande parte pela nova crítica nacional, que deram as costas, até aqui, a muitos nomes da nossa literatura contemporânea, citando, além do autor de "Maria de cada porto", Dalcídio Jurandir e o poeta Emilio Moura, que considera totalmente injustiçados.

Há muito de verdade, infelizmente, nessa denúncia. O que se vê por aí, hoje em dia, é uma crítica pedante e acadêmica, pseudamente científica, oriunda dos cursos de pós-graduação em Letras, com o mau vezo de citações intermináveis, sobretudo de autores estrangeiros, o que a torna, em certos momentos, intolerável. Mas, indiferente a isso, o romancista de Quixadá, que já nos deu alguns livros de grande força narrativa e interpretativa, continua a trabalhar sua arte, criando novas janelas para a contemplação e o entendimento do real e do imaginário.

O real e o imaginário são, aliás, o carro-chefe de sua temática, cuja dimensão literária parece ampliar-se agora com esse estranho "Passageiro da Nau Catarineta", no qual o realismo mágico recebe um tratamento em que a se associam, por elos transparentes, o mistério, o fantástico, o poético, o mítico, o lendário, o histórico e o

real, numa associação por vezes delirante, de resultados surpreendentemente belos.

Um barco chamado "Nau Catarineta" encalha nas praias de Caucaia, no Ceará, e um naufrago aparece na areia depois desaparece, deixando em seu lugar uma espada. E aí começa tudo. A lenda praiana, o incrível Gajeiro, o forte personagem que é Luciano Papallemos, a diáfana Teresa, o Garoto, a inesquecível Mariana Dardade, o navio fantasma, a grande aventura, o sonho, a memória, a utilização dos versos do bailado folclórico da Nau Catarineta, com lutas entre mouros e cristãos — e tudo mais. De repente, estamos nos Estados Unidos, ou no Brasil, ou na batalha de Alcácer, ou em Port of Spain, ou na Praia dos Gansos, ou no remoto passado, no tempo perdido. E a atmosfera é inteiramente mágica e envolvente existindo vários planos na história: o psicológico, o heróico, o real, a fantasia gerando causas assombrosas, os jogos de memória, o Inconsciente Coletivo, o ressurgimento de certos mitos ligados à cultura luso-brasileira e cousas que se prendem, diretamente, à nossa antropologia cultural.

O tempo também segue essa mesma linha. Há um tempo de verdade e um tempo onírico. Um tempo cronológico e um tempo interior. Um tempo em que se encontram vários tempos. Um tempo do que aconteceu e até do que deveria ter acontecido.

Tudo isso, como é natural, faz de "O passageiro de Nau Catarineta" um romance forte e denso, uma história de terra e mar, uma lenda à procura da realidade visível e palpável, numa combinação engenhosa de todos esses elementos, em estrutura vertical.

Mais uma vez, Moacir Lopes demonstra o seu poder de criar, dentro daquela linha que já immortalizou Gabriel Garcia Marquez, Vargas Llosa e Guimarães Rosa. E creio que esse tipo de literatura, o fantástico, é difícilimo. Ou se consegue ou não se consegue chegar lá. O meio termo não vale. E Moacir Lopes conseguiu. Fez um belo romance, com personagens engrandecidos pela aura poética e essencial.

Não se tem certeza absoluta do que ocorre ao longo dessas 240 páginas. Chega-se ao fim com muita perplexidade e crescentes dúvidas. E a verdade é que, em alguns momentos, a Nau Catarineta chega a ser realmente a Nau Catarineta. Ou não? Não seria essa a mesma técnica de Graham Greene em "Monsenhor Quixote"?

Tudo isso teria que fazer do romance desse autor cearense um rotundo motivo de interesse. E ele emerge de sua condição para atingir, nessa obra, uma nova dimensão literária, na obtenção de um êxito inquestionável, com um excelente livro. Livro que acaba de merecer de Ascendino Leite, nas belíssimas páginas de "Os dias esquecidos", elogiosas referências. Em pura justiça, sem qualquer dúvida.

Guilherme Figueiredo — **Pássaro Quebrado**, Poesia. 93 páginas — **Despropósitos** memórias. 121 páginas. Editora Cátedra/Pró-Memória — INL. Rio de Janeiro. 1983.

Otacílio Colares

Guilherme Figueiredo é um nome responsável por uma vasta e substancial obra literária que se estende através de uma válida atividade conceitual desenvolvida, ao longo de perto de meio século, desde 1936, com sua estréia no livro de poesia *Um violino na sombra*, e *Reação do abandono*, continuando com a incursão já segura no romance, através do auspicioso *Trinta anos sem paisagem*, de 1939, *Viaagem*, de 1965, *O outro lado do rio*, de 1962, e *14 Rue Tilsitt*, Paris, 1974.

A fidelidade do grande escritor continuaria, com a mesma ênfase, na seara das estórias curtas, com a edição dos volumes intitulados *Rondinella*, de 1942, *Os sete pecados capitais*, de 1962, de parceria com outros autores, *Os dez mandamentos*, do mesmo ano e também em parceria, *História para se ouvir de noite*, de 1963, e *Papai Noel para gente grande*, pela Editora Cátedra, em 1967.

Mas tem sido na carreira de escritor teatral que mestre Guilherme há conquistado as láureas de projeção nacional e internacional, tendo merecido honrosas distinções, como autor de *Lady Godiva*, de 1949, *Greve geral*, de 1950, *Um Deus dormiu lá em casa*, de 1949, *Don Juan*, de 1950, *A raposa e as uvas*, de 1953, *Tragédia para rir*, de 1957, *Os fantasmas*, de 1957, *Balada para Satã*, de 1958, *O asilado*, de 1962, *A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso*, de 1955, *Bum!*, de 1956, *A menina sem nome*, de 1956; *Quatro peças de assunto grego*, de 1963; *Seis peças em um ato*, de 1967, e *Maria da Ponte*, de 1977.

No campo das traduções Guilherme Figueiredo tem na sua folha de homem de letras consciente e capaz translações seguras de *Chateaubriand*, de André Maurois, de 1942, *Shostakovich*, de Victor Seroff, de 1945, *O despertar da França*, de J. J. Servan Schreiber, de 1968, *Ação para o futuro*, de P. Mendès-France, de 1968, a preciosa e bem elaborada tradução da peça clássica da arte dramática francesa, que *Tartufo*, realizada entre os anos de 1952 e 1959, e *Além das forças*, de Bjornstén Bjornsen, de 1962.

Sob a categoria *Diversos*, a ampla cultura de Guilherme Figueiredo se revela no enunciado dos seguintes títulos: *Miniatura de História da música*, subtítulo *divulgação*, de 1952, *Xântias*, ensaios, de 1960; *Tratado geral dos chatos*, humorismo verrinoso, assim o intitulamos de 1962, depois reeditado em 1975, *As excelências*, libelo

anti-acadêmico sob o título *reportagem*, de 1964, *Comidas, meu santo*, de 1964, *Comes e bebes*, de 1978, *A pluma e o vento*, pela Editora Cátedra, de 1977, *Variations sur l'amour*, de 1967, *Naissance du Brésil*, de 1967, *Tartufo 81*, tese de doutorado, de 1981.

O temperamento privilegiado desse grande homem de imprensa, pensador e poeta, ficcionista e musicólogo, autor dramático e habilíssimo crítico viria abarcar ainda o encantatório mundo da infância, sendo de Guilherme Figueiredo os livros infantis *A história da arca de Noé*, de 1950, 1962 e 1970, *Pedrinho e Teteca*, de 1959, e *A menina sem nome*, de 1972.

Agora, Guilherme Figueiredo volta em livro ao clima de sua juventude e o faz com altissonância e equilíbrio, no campo de uma poesia em que predominam as evocações familiares e da infância-juventude.

O poeta dividiu o volume da sua coletânea em três livros — *Minha mãe*, *Poeira de livros* e *O gesto do adeus*. Um belo e alto soneto, de característica formal de alexandrino tem por título o nome do livro — *Pássaro Quebrado*, que tem com fecho de ouro o terceto antológico como retrato do autor:

“E desço, Ícaro inútil, ave inútil, cometa
Enamorado de um olhar de borboleta,
E me esfacelo no meu túmulo de pedra.”

Do livro *Poeira de Livros* há, de Guilherme Figueiredo, bem estruturados sonetos inspirados em grandes e simbólicas personagens — *Penélope*, *Catulo* (três catorzetos), *Francesca*, *Peire Vidal* (1160-1205), *Beatrice*, *Anônimo espanhol*, Séc. XVI, *Ronsard*, *Camões*, *Bartolomé Lonardo de Argensola* (1562-1631), *Sevigné*, *Soneto de Tristão e Isolda*, *Don Quijote*, *Stecchetti*, *Rilke*, *Freud*, *Rimbaud*, *Alberto d'Oliveira*, *Bilac* e *Soneto do vinho* (Jorge Luís Borges).

Mas é na *Canção de ninar para Hiroxima* que a força lírica, atingindo em certos passos o épico, nos traz de volta o grande poeta universal que há na personalidade multifacetada de Guilherme Figueiredo.

ASCENDINO LEITE. Passado Indefinido, 391 páginas — Os dias esquecidos, 396 páginas. EDITORA CÁTEDRA. Rio de Janeiro, 1983.

Otacílio Colares

Subordinados a um esquema denominado pelo Autor “Jornal Literário” acabam de vir a lume, obedientes ao mesmo modelo editorial anterior, essas duas novas coletâneas de preciosas e equilibra-

das notas do brilhante escritor e pensador da fenomenologia literária nacional, que é Ascendino Leite.

O Autor é um dos mais ativos trabalhadores intelectuais do Brasil, já no jornalismo, já mais especificamente no campo da crítica e da memorialística literária, sendo de destacar, desde os seus inícios, a honestidade que se pautou para a realização de sua obra, que vem da crítica em seus trabalhos *Estética do Modernismo* e *Notas Provincianas*, passam pela ficção, nos romances *A Viúva Branca*, *O Salto Mortal*, *A Prisão* e *O Brasileiro*, todos estes verdadeiros estudos da variada e imponderável alma humana, na imponderabilidade de suas inconstâncias e desníveis de comportamento.

Mas há que assinalar que, em Ascendino Leite, o que ressalta como uma espécie de marco definidor de uma personalidade ao mesmo tempo de homem de caráter ilibado, de uma firme orientação cristã liberal e de uma linha de pensamento que sempre traiu uma vasta e sólida cultura universal, a que se alia uma forte sensibilidade e aprimorado senso estético.

O que cumpre assinalar em Ascendino Leite é, antes de tudo, a propriedade dos títulos ungidos de simbologia de cada volume do que ele denominou, com muita felicidade, de "Jornal Literário", um vasto, honesto e quanto possível desapassionado *dossier* do movimento cultural de nosso país, através dos tempos.

Eis a relação dos títulos dos subseqüentes volumes publicados do notável escritor paraibano: *Durações*, *Passado Indefinido*, este agora em reedição. *Os Dias Duvidosos*, *O Lucro de Deus*, *A Velha Chama*, *As Coisas Feitas*, *Visões do Cabo Branco*, *O Vigia da Tarde*, *Um Ano no Outono*, merecendo destacado, pela sua atualidade, o mais recente volume — *Os Dias Esquecidos*, cujas notas começam em 1.º de outubro de 1982, prosseguem através de todo o ano já referido e se encerram em 30 de maio deste findante 1983.

Ascendino Leite, que é um espécime raro e aliciante de poeta bissexto, para usarmos a classificação popularizada de Bandeira, já promete, no que concerne a seu "Jornal Literário", uma nova coletânea de suas preciosas observações e notas, futuramente indispensáveis para um honesto levantamento da evolução cultural da nacionalidade brasileira.

Quem é autor de uma obra em que predominam a meditação e a cultura, que este é o caso do ainda tradutor de Sterckal (*Ar-mância*) e Maupassant (*Uma Vida*), tem um forte compromisso com a História da Literatura Brasileira.

BARRENO, Maria Isabel. *A Morte da Mãe Lisboa*,
Moraes Editora, Julho, 1979.

Silonides Ribeiro

Os movimentos sociais emergem caracteristicamente de situações de tensão ou desorganização. Quando grandes grupos de pessoas encontram rompidas suas rotinas tradicionais, o "status" contestado, ou seus valores e interesses ameaçados, podem reunir-se num esforço coletivo para resolver as próprias dificuldades e pôr as coisas em ordem. O feminismo na Inglaterra, por exemplo, foi uma resposta a problemas nascidos de mudanças no papel e no "status" de mulheres.

O feminismo, entretanto, recebeu muito maior apoio das mulheres da classe média, que das mulheres da classe trabalhadora, pois estas últimas se achavam demasiado preocupadas com seus problemas econômicos para se interessarem seriamente pelas dificuldades especiais do seu sexo, como tem sido talvez até hoje.

Contudo, partindo daquele longínquo 1792, com o livro "Direitos das Mulheres", de Mary Wollstonecraft, este movimento tem se propagado sistematicamente, ora medrando com facilidade em certos países, ora encontrando sérias barreiras em sociedades retrógradas, acorrentando milhares de mulheres a preconceitos paternalistas ou machistas.

Como todo movimento de renovação, o feminismo tomou novo impulso neste século (mais precisamente nas décadas de 60 e 70) de uma forma agressiva, objetivando se impor de uma forma definitiva. Esta ânsia de libertação tem levado a mulher a atitudes radicais, fazendo com que o movimento seja, por vezes, mal interpretado, mal visto, mal assinalado.

Entrar em detalhes sobre o histórico e os objetivos deste movimento social, seria fugir um pouco do conteúdo do trabalho, que é precisamente fazer uma análise, em forma de comentário crítico, a respeito da obra "A Morte da Mãe", de Maria Isabel Barreno. Portanto, a nossa posição é mais de comentar sobre como a autora enfoca em seu livro esta luta das mulheres, partindo das pretensões desta luta, ou seja, a valorização da capacidade intelectual da mulher, ao lado de uma maior liberalização sexual.

É uma história muito comprida a história do patriarcalismo, da possessividade do macho e da submissão da mulher. Os tabus e os preconceitos remontam ao início da humanidade, e observa-se que nos países essencialmente religiosos a autoridade do homem se faz mais presente. O estado de ignorância em que a mulher tem vivido,

ignorância sobre o mundo e sobre si mesma, a sua educação mal dirigida, tem transformado-a, através dos tempos, em mero objeto para os interesses da sociedade, da família e do homem.

Esta situação desmoralizante tem levado algumas mulheres mais arrojadas a gritarem sobre os seus direitos, pois até então, foram sempre induzidas a conhecerem mais os seus direitos: de cidadã, de filha, esposa ou mãe. Sempre muito para dar e pouco para receber.

O que tem distorcido o sentido da luta feminista é, muitas vezes, a maneira como a mesma tem sido dirigida. A ânsia de afirmação pessoal é tão grande, que tem levado muitas destas batalhadoras a atitudes extremas e conseqüentemente antipáticas.

Freud, nos seus estudos sobre a Psicologia, já descobrira a importância da "libido", e qualquer outro cientista estudioso da Biologia, ou mesmo da Psicologia, tem concluído que homem e mulher possuem a mesma capacidade intelectual e a mesma disposição para o sexo. Cultivar e assumir estas capacidades deveria ser uma questão de opção, surgida, claro, da conscientização de todo um contexto histórico e social, de uma educação esclarecedora, e não do condicionamento trazido por informações induzidas, tendenciosas, cuja essência visa mais a competição do que a própria realização pessoal.

Procurando nos posicionar diante da luta que também é nossa, queremos igualmente justificar as nossas divergências em relação à autora.

Toda a obra é uma apresentação do estado de servidão em que a mulher tem vivido, desde o princípio da humanidade. É uma história contada no início em forma de repetições constantes sobre o começo do homem, como se quisesse pôr em evidência aquele velho questionamento: quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, para daí concluir a prioridade: ou o homem veio da mulher, num processo biológico normal, ou a mulher veio do homem, como explica o Velho Testamento? Parece que na solução desta dúvida residiria o resultado sobre o valor prioritário de ambos os sexos, cuja questão fundamental seria: ou o homem depende da mulher para existir, ou a mulher surgiu da costela do homem, passando este fenômeno a se constituir na primeira cesariana da História, segundo a autora.

Muitos trechos do livro poderiam exemplificar a nossa exposição acima. Recolhemos estes para dar um exemplo de como a autora historia o princípio e desenvolvimento da humanidade:

"A primeira célula dividiu-se. E as duas células resultantes dividiram-se. Assim por diante, assim seja". (p. 17). "E os corpos dividiam-se em dois. Assim por diante, assim seja". (p. 19). "E muitos ovos podiam sair de cada indivíduo". (p. 22). "Muitos ovos

produziam, em cada ciclo produtivo, a longas, longas eram suas vidas, atravessando séculos por vezes". (p. 50). "A política de produção continuava a ser a exigência de grandes números — grandes números produzidos, grandes números mortos". (p. 219). "O casamento continua a ser essa redução da mulher a meio de produção: objecto produtor de novas gerações". (p. 219).

Assim a autora vai historiando através das páginas o princípio da humanidade, a reprodução humana ou animal, como atos mecânicos, desordenados, sem emoção, movida principalmente pela força do instinto. Há um pessimismo que reduz a origem do homem a um fenômeno meramente científico.

O questionamento a respeito da prioridade do homem sobre a mulher surge quando a autora conclui que em grandes citações; a figura do primeiro aparece sempre como força predominante, como se observa na p. 9, no capítulo "A História, ou as Palavras". E um dia ela se indaga: "Onde estão as mulheres?". "E porque desapareceram elas nessa sombra lingüística?" (p. 10). Ao que ela mesma responde: "A História dos homens está nos livros; mas a história das mulheres é só decifrável ao longo de cada vida".

Há muita verdade nessa afirmação, como também encontramos muitos aspectos positivos no decorrer de sua exposição. Há ainda trechos de especial beleza, como o seguinte:

"— A Mãe é essa superfície escura, sulcada, como madeira antiga. Todas as inscrições aí permanecem: produção de vida, morte, engenho sobrevivente. A Mãe é esse escuro e vítreo fundo no qual as filhas se contemplam: continuação de vida, aumento, até que todo o espaço se encha de gestos produtivos, e as vidas se tornem contíguas, e não haja soluções de continuidade nem explorações". (p. 125).

Em um diálogo com a Mãe Natureza, que se prolonga por quase todo o livro, a autora procura mostrar a desvalorização a que chegou a mulher, contestando depois:

"Deixadas sem discurso, nós, mulheres, deveremos apropriar-nos de todas as palavras. Apropriação do sexo, do prazer, da designação culta, da designação oculta, do palavrão". (p. 98).

Ao que a Mãe Natureza comenta:

"Os machos serão sempre esses seres extrovertidos, histriônicos, inseguros, jactantes: que difícil será integrá-los, com todas as manias de palhaçadas individuais". (p.99).

Como já comentamos anteriormente, a autora se expressa quase sempre em uma linguagem poética, verdadeira alegoria que encobre com sutileza a sua revolta contra a condição da mulher. Encontramos trechos muito significativos e de igual beleza, como este: "A humanidade descobria um prazer consciente no exercício

dos músculos, dos ossos. Mas a percepção do tempo trouxe também a antecipação da morte, e percepção dos contrários: vida e morte são as duas faces do mesmo todo. O riso é essa condensada reação à percepção simultânea dos contrários: prazer e dor". (p. 98).

Uma explicação interessante:

"Os tempos humanos eram: o dia e a noite, as fases da lua, os ciclos das mulheres e as estações". (p. 101).

Outro momento de revolta:

"Sim, sentíamos a importância de nossas descobertas: demonstrarmos-nos como foram as mulheres as iniciadoras e aperfeiçoadoras de todas as passagens de um zero de vital sobrevivência até à construção de uma raça de gestos calculados e largos excedentes; e como o gênio perverso dos homens só vem instalar-se sobre essas básicas condições, que lhes permitirão lutas e guerras e outros ambiciosos desperdícios". (p. 121).

Assumindo uma posição de extrema-esquerda, é sob as teorias de Marx, e especialmente de Engels, que a autora expressa melhor o seu radicalismo, chegando muitas vezes a atitudes de extrema agressão a tudo quanto ela considera como fator de opressão, como a religião, desmistificando tudo de uma forma violenta e até mesmo vulgar, como veremos nos seguintes trechos:

Sobre os padres:

"E os sacerdotes fizeram fortunas prometendo tesouros do outro lado". (p. 35).

Sobre a Virgem Maria:

"Venus, nascida das águas, sorridente e húmida, era do melhor que se podia encontrar do lado dos rostos femininos. Juntamente com a Virgem Maria, que nunca me atraiu, sempre com aquela garantia de ser a única mulher completamente asséptica, sempre pintada de louro e azul e com uma expressão de tão perpétua expectativa que atingia a estupidez. Só mais tarde tentei decifrá-la". (p. 10).

E ainda:

"Por que na História oficial, quando damos por isso, está instalada a Igreja, comandando senhores feudais. A Igreja salvaguardando a "cultura" oficial — com centenas de monges copiadores de todos os manuscritos queimados nas guerras — e esmagando todas as outras culturas". (p. 218).

Pelas nossas freqüentes citações dá para perceber o conteúdo forte, ríspido, que emana desta obra, quase sempre envolto naquela linguagem de poeta, que suaviza a aspereza dos sentimentos de sua criadora. Em seu desprezo pelo homem a autora escreve:

"Essa é a escravatura do homem: o seu ato sexual faz-se com a mulher". (p. 201). E ainda: "O deus criador descansa no sétimo dia: muito mal disfarça a origem uterina de seus ritmos criado-

res". (p. 202). Outro trecho: "Os homens recebavam o prazer das mulheres". (p. 177).

Um momento de extrema revolta:

"— Aceitamos que a necessidade histórica é a inelutável necessidade do acontecido, e que não vale a pena estarmos com fantasias sobre todas as outras possibilidades em branco — dissemos nós. Mas frisemos que todo o solo da civilização foi adubado e regado pelo suor, pelo sangue e pelas lágrimas das mulheres, e que a invenção única dos homens, grotesco paralelo da invenção do pênis na evolução da sexualidade dos animais machos, foi a da propriedade privada e da exploração". (p. 196).

Ligando freqüentemente o poderio do homem ao fator político, econômico, como se ele fosse fruto apenas do sistema capitalista, a opressão masculina é muitas vezes apresentada sob este enfoque, como podemos ver nos seguintes trechos:

"Os que controlam o obsceno — o retirado da cena — são aqueles que detêm o poder econômico". (p. 98); Ou: "Não, não, não existe essa Mãe repressora. A repressão foi inventada pelos homens, e marca o início do patriarcado". (p. 126). E mais esclarecedora: "Os homens apropriam-se dos filhos e das mulheres, e assim controlam os espaços, e a força de trabalho, e os excedentes de riqueza, e formarão exércitos, e quantas mais mulheres e mais filhos têm um homem, maior será o seu poder para se apropriar dos valores criados e para atirar sobre todos os outros os custos. Assim nasce a propriedade privada, assim nascerão as classes". (p. 139).

Até a sua concepção sobre o amor convém registrar:

"O amor renasce como admiração pela "fraqueza": porque ninguém ama o forte; o forte impõe-se". (p. 223).

Há trechos que denunciam a passividade da mulher, da que tem uma situação privilegiada de conforto, e renunciam a qualquer questionamento com a vida, para terem as suas necessidades mais imediatas satisfeitas. A elas a autora se refere: "As cínicas dissolventes". São as que dizem:

"— Mas porque falar em opressão das mulheres? E o que conseguiram os homens, com seus trabalhos, ao longo de séculos? Empregos estúpidos, espaços frios? Qual a alegria de ser explorado por um patrão? Ou, mesmo em caso de sucesso: qual a alegria do poder? Porque dizer que as mulheres são oprimidas? Porque não têm o nome inscrito na "História", comparado com uma vida tranqüila e sem horários?" (p. 137).

Sobre a prostituição ela comenta:

"A prostituição é o preço imposto pelos homens, às mulheres; a si próprios, condenando-se a uma esquizofrenia histórica". (p. 165).

Na obra encontramos ainda abordagens sobre os complexos de Édipo e de Electra, e longos diálogos e questionamentos com Freud:

“Porque passa Freud tão facilmente, sem dúvidas, do mito singular ao mito individual, e daí ao coletivo?” (p. 322). Em outro trecho:

“Em “psicanálise” ou em “economia”, a mulher acaba por reduzir-se ao mesmo papel histórico, e contentinha: o de reproduzir os heróicos e civilizadores gestos masculinos. Amém, porque ainda não saímos da religião e do culto dos grandes profetas. Merda” (p. 144).

Marx e Engels são as grandes figuras que dominam quase toda esta obra. Em alguns capítulos a autora mantém um diálogo imaginário ora com um, ora com outro, cujo objetivo é mostrar que, apesar de suas teorias sobre o valor do uso da força do trabalho, terem trazido, segundo a mesma, grandes benefícios, eles esqueceram completamente “a mais-valia” a que a mulher tem direito.

A autora chega a afirmar na p. 310:

“Ao criticar Engels construí praticamente toda a estrutura deste livro. Porque a minha crítica aproveitava das qualidades da estrutura dialética do texto dele”. Por aí se vê a importância que dá às idéias de extrema-esquerda. Ainda sobre Engels:

“No fundo pouco inovaste, Engels. O único fato “econômico” que se levanta desse passado de famílias “naturais” — que “naturalmente” evoluem até ao patriarcado — é essa inexplicável divisão do trabalho”.

Sobre Marx, a autora escreve:

“Tínhamos também o Marx como nosso acompanhante anti-burguês: confortou-nos bastante. Muito nos inspirou em nossas teorias de valores e explorações”. (p. 144). Essas teorias vamos encontrando através de toda a obra, relacionando-as com os obscuros trabalhos da mulher, ou seja: o a mais valia, o valor do uso da força do trabalho, a opressão, propriedade privada, tudo, tudo transportado para os quotidianos problemas da mulher.

E ela questiona ainda:

“Mas quem era eu para desinquietar o Marx?”

Ele sabia que o seu discurso tinha os limites do entendimento. Quem poderia falar de mulheres, ao fazer ciência econômica? Falar de mulheres fazendo o jantar e cosendo as meias? Tudo isso teria que entrar na reprodução alargada da força de trabalho. As mulheres tratam dos homens e os homens fazem ciência”. (p. 290).

Como vimos, através destas fundamentações, há um sentimento agudo de revolta contra a condição da mulher, que através dos tempos tem mantido uma situação de perene inferioridade, menosprezada, muitas vezes mesmo.

Para qualquer mulher é agradável falar de seus direitos, lembrar a sua função mais importante que é a de gerar seres humanos, o próprio homem que se julga tão superior. Toda essa conscientização partida dessas pioneiras corajosas tem deixado sempre um saldo positivo. Se não se conseguir ainda libertar muitas outras mulheres, devido a inúmeros fatores, pelo menos há um crescente número de "sufragistas" que aos poucos vai se afirmando como seres humanos plenos, e não pessoas mutiladas, unilaterais.

Os livros de Psicologia ensinam que o homem (ou a mulher) deve cultivar todas as suas potencialidades, ampliar sempre os seus limites, realizar as tendências naturais próprias de cada um. Entretanto a sociedade, a família, a religião, rejeitam freqüentemente a mulher que pensa, que questiona, que sabe conduzir sua vida dentro destes parâmetros, e dificilmente perdoa àquela que resolve assumir a sua própria sexualidade. Claro que estamos generalizando, pois nas sociedades culturalmente mais evoluídas a aceitação da mulher como ser humano pleno é um fato mais comum, diferente das sociedades que, quanto mais culturalmente inferior, mais reagem agressivamente contra aquela que resolve ser ela mesma.

Portanto, há muito de positivo na luta das feministas, no sentido em que elas procuram conscientizar a mulher a respeito de suas capacidades e de seus direitos, principalmente aquele direito fundamental de ser ela mesma, com suas fraquezas, suas fortalezas, realizando naturalmente as suas funções emotivas e intelectuais.

O que reprovamos nessa luta, como já falamos anteriormente, é a maneira como algumas radicais conduzem o problema, agredindo a sociedade, a religião, a família, abrindo espaços de uma forma violenta, o que lhes dá um aspecto viril, pois entendemos como feminismo uma busca de realização pessoal, e não uma competição desenfreada com o homem.

Homem e mulher têm tendências específicas diferentes, sendo, portanto, uma verdadeira arbitrariedade querer que se equivalam em suas realizações, sem falar nas diferenças individuais que distinguem cada ser humano, com tendências e aspirações próprias.

Querer fundamentar esta luta sob teorias ideológicas radicais, consideramos outra falha nesse empreendimento, embora saibamos que o ser humano, deva ter a liberdade de dirigir a sua vida sob a orientação que lhe for mais conveniente, mesmo sob a orientação religiosa, pois, quem sabe, Deus seja a figura mais sábia para nos conduzir nas encruzilhadas e armadilhas que a vida freqüentemente nos apresenta.

Maria Isabel Barreno usa em sua obra uma linguagem poética de muita beleza, ao fazer o levantamento do problema da liberalização da mulher. Através de uma verdadeira alegoria tenta fazer o histórico das posições homem/mulher diante da sociedade, da família,

da vida, valorização e desvalorização, para concluir sobre como a mulher foi perdendo as suas forças através dos tempos. Na p. 175, ela escreve:

“Este foi o principal fato que determinou toda a decadência das mulheres: a perda da sua magia”.

Apresenta uma estrutura narrativa inovadora, com o histórico da humanidade disposto em sucessivos ítems, monólogos, diálogos imaginários, cujo objetivo é questionar os valores da mulher, mas mostra-se, repitamos, extremamente radical na exposição das suas idéias, pessimista, revoltada, vendo na mulher muito mais um ser biológico, material, um objeto que deve existir sob as regras das teorias marxistas.

Agribe a religião e as mulheres que optam por uma posição pacifista e menospreza o amor e as forças espirituais. Há muito mais amargura do que entusiasmo nas palavras expressivas com que ela trabalha a obra. Encontramos raros momentos de paz, como este:

“Os risos das mulheres transformaram-se em asas brancas e longos e diáfanos vestidos: assim apareceram os anjos”. (p. 210).

Concluindo: através de “A Morte da Mãe” de Maria Isabel Barreno, ficamos conhecendo melhor como se posicionam certas tendências feministas da atualidade, quais os seus objetivos, o que nos levou a questionar também sobre as verdadeiras intenções da sua autora.

Ela apresenta uma luta quase no plano ideológico, esquecendo de analisar os sentimentos, as verdadeiras aspirações que marcam as diferenças individuais. Há um radicalismo exacerbante que esvazia o sentido da proposta que ela pretende evidenciar, e parece muito mais interessada em dialogar consigo mesma do que mostrar um quadro real da posição da mulher.

Não querendo também ser radical, contestamos sobretudo os aspectos políticos expressos na obra, pois as aspirações femininas devem ir muito além de meros jogos de idéias; que este seja apenas um aspecto a mais a ser desenvolvido na interação da mulher.